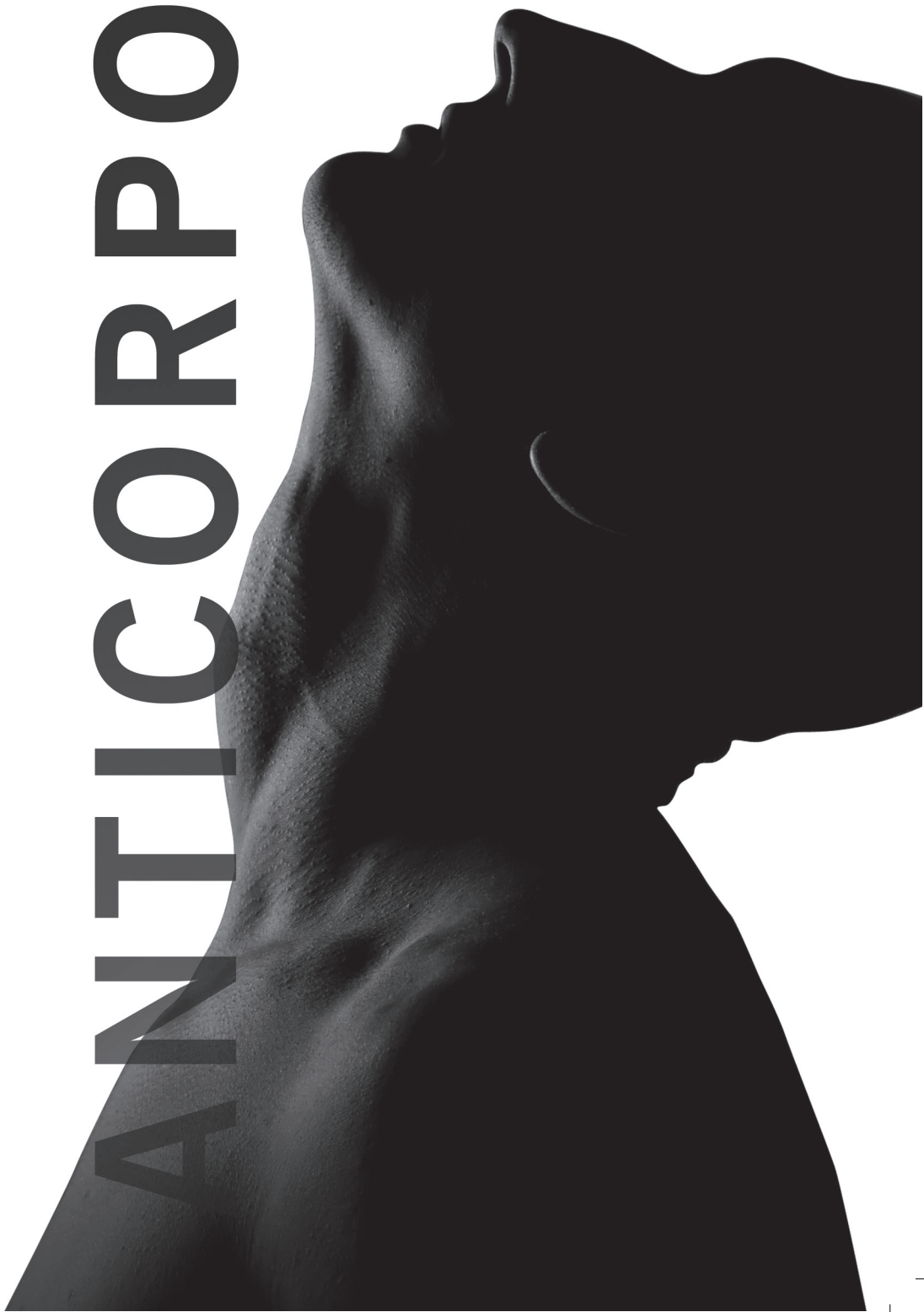


**ANTICORPO**



## ANTICORPO

---

EDIÇÃO  
França e Gorj

EDIÇÃO  
1ª Edição, 2017

CAPA E PROJETO GRÁFICO  
Murilo Guerra

---

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

---

G633a GOMES, Anselmo. 1981  
Anticorpo / Anselmo Gomes  
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2017

78 P. : 21 cm  
ISBN 978-85-5833-216-3

1. Poesia I. Título

CDD.: B869.1

---

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura Brasileira



editora  
penalux  
.com.br

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS  
A reprodução de qualquer  
parte desta obra só é  
permitida mediante  
autorização expressa do  
autor e da Editora Penalux.

EDITORA PENALUX  
Rua Marechal Floriano, nº39,  
Guaratinguetá, SP, 12500-260

## *Anticorpo*

É este meu corpo  
Seis mil medos aglutinados  
Mal desen(carnados) fantasmas de eus em arquivos  
Monólito incrustado  
Na primeira rua pela manhã

É este anti  
Corpo  
Fantoche esquivado das cordas  
Passo estranhando a gravidade  
Intruso fazendo as vezes de hóspede  
Cordilheira em frangalhos  
À espera, na sala, do café ruim

Conduzo esta falsa nau  
Esta jangada de paus apodrecidos  
Sem remo ou estrela  
Contra ondas tão vertiginosas quanto Deus  
Conduzo este mal  
Tão descabido em seu destamanho

Este coche preso entre arranha-céus  
Por passagens estreitas  
Gestos perdidos  
Veredas canceladas  
Turnos deixados pelo meio

Percebo este meu corpo  
Feixe de nervos desconjuntos  
Vidro trincado  
Excesso  
Confusão motora  
Carne passada da hora  
Pelos crescendo nos poros contrários  
Língua indecifrada  
Averso da derme  
Unhas abrindo para (dentro  
Passos estranhos à rota

É este meu corpo  
Dez mil vozes babélicas  
Uivando a canção do Movimento Caótico  
Tropeçando a dança por cima dos pés  
Encalhando no Mar das Pedras Abissais  
Disritmia quarenta e oito horas por dia  
Pilha de polos inversos

Molho de chaves inúteis:

Não há portas

Não há partos

Não há fendas

Não há fuga

Há, antes, o que desocupa

## *Entrave*

Homem no meio do terminal  
Tal qual um buraco que se move  
Unhas negras grandes sapatos marrons  
Os braços abertos sombras que  
Móviles  
Alarmam a vertigem na gente toda  
Que ali parte  
E aporta

Homem assombra a rota do lugar  
Não vai  
Não vem  
Não vinga  
É disfuncional na espera cambiante da gente  
Jeans podres  
No anel uma caveira  
Mais viva que ele  
Escancara os dentes de aço contra a história de  
todas as distâncias  
Encravadas nas baías

O terminal, ele mesmo um meio  
Um limbo  
Renega o homem  
E sua presença  
E seu declive  
E sua queda (também a queda dos outros)  
Está ali contra a vontade da física  
Ante o vento que empurra sentidos  
Há uma qualidade de vácuo  
Nas frestas das suas falanges  
Na urina que repele  
Ainda que no oculto das calças

Mais parece amorfo o homem  
Mais parece que não conclui  
Cabelos retorcidos – fumaça a caminho do céu  
(Nele a única coisa que vai a algum lugar)  
Os pés gravidade torta  
Que puxa para outra espécie de centro  
Por isso compreende-se a náusea da gente

Evita-se o homem que ele despreza  
Da pele puída  
Da alma girando num pensamento sem rumo

Num fosso de passos

Homem está ali como o poema

Este antiespaço enxotando o rol das palavras de  
ordem

Desmantelando a sintaxe e

A condução saudável dos signos

O poema ele próprio a caveira que ri

Na cara da utilidade



## *Mas é que a cidade sufoca*

mas é que a cidade sufoca  
a sombra das coisas para dentro  
das coisas  
re (doma)  
os pés esmagando  
os pés  
o grito  
escombros do grito

então a cidade é nuvem metálica  
tempestade numa caixa  
chumbo em torno das horas  
deserto oxidado e  
íngreme

a partir de suas arestas  
vertical  
e o chão que aproxima  
sonha  
a ilusão de passos circulares

# *A criação*

*A Oubi*

Numa noite de visita  
Deus criou o negro

E este

Arredondou

o

só

mund'

gingada

uma